

A man in a dark coat and hat walks on a cobblestone street at night, carrying a briefcase. The scene is dimly lit by a street lamp, creating a moody atmosphere. The man is walking from right to left, looking down. The background shows a blurred street with buildings and a street lamp.

Incidente no Recife

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

INCIDENTE NO RECIFE



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira
de Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

José Kameniecki

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



As coisas nem sempre são aquilo que
parecem à primeira vista

Aos esparrentos, cujo espalhafato cria o
biombo que salva os discretos

ALEXANDRE SANTOS

INCIDENTE NO RECIFE

Depois de curta temporada em estado de hibernação longe da vida movimentada na qual forjara um jeito-de-ser, convencido de que, com as atenções atraídas pelas violentas reações à diáspora provocada pela ira xenófoba do governo de Donald Trump, a Interpol redirecionara suas maiores atenções e já não o mantinha na sua alça de mira imediata, Carlos decidira voltar à ação.

Renunciaria a tranquilidade (ou monotonia) experimentada na condição de mero e pacato hóspede-residente numa pequena pousada no balneário de Porto de Galinhas, no litoral sul do Estado de Pernambuco, no nordeste do Brasil, e voltaria ao corre-corre das grandes e perigosas aventuras internacionais.

Pouca gente sabia, mas Carlos, aquele gringo boa praça, que distribuía sorrisos, gentilezas e polpudas gorjetas na pousada BokoMoko, onde fixara residência nos últimos meses, era, na realidade, o temível 'Carlos', também conhecido como 'o Chacal', o mais procurado dos terroristas mundo afora.

Embora conhecido no universo no qual atuava - uma ambiência fechada referida pelo pessoal direta ou indiretamente ligado à comunidade de inteligência como 'a Bolha' -, sendo admirado por uns e odiado e temido pelos outros, Carlos era praticamente desconhecido às pessoas comuns.

Na realidade, até mesmo na Bolha, Carlos era pouco conhecido. Dele, sabia-se

apenas que, depois de desiludir-se com a causa a que servira com dedicação por vários anos, quando se notabilizara por comandar alguns dos atentados mais espetaculares da história política e militar contemporânea, abandonara a militância política e começara a trabalhar por conta própria, oferecendo o seu talento e experiência no submundo da violência, alugando-os a quem se dispusesse pagar as verdadeiras fortunas por ele cobrada. Caracterizado pela frieza e pela competência como executava os serviços e, guardando a discrição responsável pela inexistência de qualquer fotografia sua nos bancos de dados das agências de segurança, Carlos sempre foi muito solicitado, construindo a cada contrato a fama de ‘melhor do ramo’.

Belo dia, talvez por cansaço ou, quem sabe, por cautela, Carlos resolveu ‘dar um tempo’ na sua intensa atividade naquele submundo e, repentinamente, como num estalar de dedos, saiu de circulação, abrindo um expressivo vazio no mercado da violência.

Pouca gente entendeu o seu desaparecimento.

Para uns, a ausência de Carlos decorria de uma desnecessária, inexplicável e prematura aposentadoria, para outros, talvez por conhecer os extremos perigos inerentes a atividade por ele exercida, Carlos teria sido vítima em algum ‘acidente de trabalho’ fatal, uma hipótese que chegou a ser comemorada pelas agências de segurança.

E foi na condição de 'morto', completamente esquecido por todos, que, de forma anônima, Carlos pode desfrutar as delícias do litoral sul de Pernambuco.

Agora, reenergizado e experimentando uma sensação de segurança que há muito não sentia, Carlos voltaria a ação.

Um plano simples.

Voltaria à Europa através da Espanha, de onde sabia ser mais fácil mergulhar no underground de sempre e, usando Madri como base e plataforma para as incursões, retomaria a profissão na qual era por todos considerado o melhor.

Antes de tomar a decisão final de voltar a ativa, fazendo valer a experiência adquirida nos muito anos de labuta, usando

os codinomes adequados, o linguajar cifrado compreendido pelos que compreendem e os caminhos truncados só possíveis no lodaçal mais profundo da darkweb, Carlos consultou os antigos clientes e, como desconfiava, confirmou estar [ele] fazendo falta ao mercado da violência, um ‘shopping’ no qual, embora fosse os preços mais caros, era o profissional mais solicitado, pois, aos elevados dispêndios, fazia corresponder presteza e discrição, dando a garantia de 100% de satisfação.

Carlos não sabia, mas, embora figurasse na lista dos terroristas mortos, sua abordagem ao mercado da violência foi detectada pelo sistema de vigilância aos contratantes. Nenhuma das agências imaginava ter observado o movimento de

ressurreição de Carlos. Sabia apenas que um peixe graúdo estava voltando ao mar.

Àquele tempo, em Washington, atiçados pelos alertas vermelhos despertados pela pronta percepção das mensagens aparentemente invisíveis que Carlos fez circular na deepweb, robôs comandados por IA acionaram algoritmos especiais e, depois do teste de centenas de milhares de alternativas, produziram um relatório destacando a possibilidade de um terrorista internacional estar preparando uma onda de ataques a partir da cidade do Recife.

Entre os possíveis terroristas envolvidos nos preparativos da onda terrorista, o relatório citava o estadunidense Unabomber. Em poucas horas, os robôs

esmiuçaram os registros da NSA e elaboraram os alertas às agências parceiras.

Em pouco tempo, municiados com o alerta despachado pela Agencia Estadunidense de Segurança, agentes da Policia Federal sediados no Aeroporto Internacional dos Guararapes estavam prontos e animados com a possibilidade de fazer a captura do terrorista internacional Unabomber.

No alerta encaminhado aos agentes, além de um retrato falado (pouco é instruído com poucas características físicas) do terrorista, havia o registro do modus operandi favorito do Unabomber - o uso de explosivos em poderosas bombas por ele projetadas e construídas especialmente para os ataques.

Assim, sem saber da intensa movimentação dos agentes da polícia federal do Brasil à espreita do Unabomber, Carlos chegou ao aeroporto do Recife. Discreto como sempre, parecendo um turista europeu, com a pele bronzeada do sol de Porto de Galinhas, Carlos trajava roupas comuns, braços cobertos de tatuagens e uma mochila inocente. A aparência era tudo o que a polícia não esperava de um ‘experimentado terrorista’.

Ao tempo que, fazia o checkin, acompanhado de um pequeno grupo de pessoas, JoséCarlos Vendaval chegava ao saguão do aeroporto. Expansivo, com a cabeça coberta por um chapéu de abas largas, desses cujo charme é não deixar o rosto todo à mostra, JoséCarlos explicava aos parceiros de viagem o desaparecimento da sua sacola de viagem.

- A mochila estava comigo e, de repente, não estava mais.

- E agora, Zeca?

- Não há problema - falou com o semblante esperto - meus documentos, inclusive o passaporte, estão com você.

JoséCarlos não podia desconfiar, mas a sua mochila havia sido roubada por um dos agentes e, naquele momento, passava por uma minuciosa vistoria. Nada incriminador fora encontrado, mas a ausência de qualquer documento deixara alguma decepção nos policiais e, de alguma forma, mantinha a suspeita sobre o seu dono.

Os minutos passaram-se rápidos.

Tendo percebido a estranha movimentação dos agentes na área da aduana, Carlos caprichou na naturalidade e

avançou para o aparato dos scanners visualizadores de inconformidades nas pessoas e bagagens de mão. Enquanto isso, bem ao seu estilo, sem poupar a teatralidade dos gestos, JoséCarlos Vendaval chamava a atenção com a recente história do desaparecimento da mochila.

E foi assim que, criando um biombo inesperado para Carlos, JoséCarlos atraía as atenções. No momento que cruzou o pórtico de raio X, cumprindo a encenação tantas vezes repetidas naquele portal, a partir de um sutil sinal do chefe de operações, o alerta de ‘escolha aleatória para inspeção’ piscou uma luz vermelha e, imediatamente, JoséCarlos foi cercado por agentes da Polícia Federal vindos de todas as direções. Assustado, JoséCarlos fechou os olhos e levantou os braços.

Enquanto, em meio a um pequeno tumulto, JoséCarlos é apalpado e scanneado por bastões de detecção de explosivos e de drogas.

Em menos de cinco minutos - ao tempo que, sem olhar para trás, Carlos seguia para o portão de onde apanharia o avião -, ouviu-se o ‘está limpo’ que, para alívio dos parceiros de viagem de JoséCarlos, o liberou para prosseguir viagem.

E, assim, enquanto os agentes da polícia federal continuavam a campanha à espera de Unabomber no aeroporto dos Guararapes, sem saber que estava a poucos metros do perigoso Chacal, JoséCarlos e sua turma seguiam para a Espanha, onde

viveriam mais uma viagem de turismo,
como faziam regularmente.